



# EXÉRCITO

Coordenador: Ten-Cel HUGO DE ANDRADE ABREU

## I — REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO CORPO DE OFICIAIS

Maj JOSE PESSOA

Não podemos esquecer o vulto insigne de nosso ex-comandante Marechal José Pessoa, neste ano de 1961 em que a Academia Militar das Agulhas Negras festeja o sesquicentário de sua existência.

A AMAN é fruto do idealismo deste grande soldado, e "A Defesa Nacional" ao incorporar-se às festividades dos cadetes deseja, prestar singela homenagem ao Marechal José Pessoa, reportando-se a uma conferência feita pelo ilustre militar, em 1947.

*Ayrton Salgueiro de Freitas,*  
Cel Diretor-Secretário

Ao encarar a importante questão do oficialato do Exército, não pretendemos apresentar novas idéias, mas apenas seguir, com adaptações ao nosso meio, o que é feito nos exércitos de tódas as Nações bem organizadas, nas quais a instrução da classe armada e do povo é encarada como um dogma.

Como sabemos, a mobilização deixou de ser uma simples reunião de homens, indistintamente convocados a fim de receberem instrução e treinamento em qualquer arma ou serviço, para tornar-se em previsão de indústrias, armamento, equipamentos e prévio adestramento de indivíduos, de acôrdo com as suas características e vocações. Os exércitos de nossos dias exigem homens selecionados de acôrdo com a robustez

física, inteligência, aptidão e especialidade de cada um. É a guerra moderna, porque é total, não pode ser feita como no passado, somente com a mobilização parcial dos recursos humanos e econômicos; impõe-se, para fazê-la, a mobilização de todos os recursos militares e civis do país e a mobilização psicológica da opinião pública — se assim podemos dizer.

Os imperativos da nossa civilização e do orgulho nacional exigem que, ao mesmo tempo que forjamos a nossa estrutura industrial e mecânica, cuidemos de prever e criar UM HOMOGENEO CORPO DE OFICIAIS, força-motriz que impulsiona os órgãos vitais da nação armada.

Dentre os problemas políticos e sociais com que se defronta o Brasil, na hora presente, não deve ser esquecido o da educação militar e pré-militar. Os responsáveis deverão constituir uma elite, capaz de organizar uma força armada à altura das necessidades da defesa nacional.

O problema da constituição e seleção de um corpo de oficiais é uma das mais delicadas tarefas dos governos e deve, particularmente, preocupar o Alto Comando, que tem a maior parcela de responsabilidade na formação e preparo do oficial brasileiro. Para isto, é justo que se continue apelando para todas as fontes de recrutamento, porém, com exigências maiores quanto às condições morais, intelectuais, físicas e de aptidão militar, sem esquecer que a posição social do candidato tem particular influência na sua formação.

Assim sendo, esboçarei aqui algumas das idéias que nortearam a nossa passagem pelo comando da Escola Militar, aperfeiçoadas pelas observações novas que acabamos de fazer na Inglaterra e nos Estados Unidos, as quais, analisadas pelos órgãos técnicos competentes, poderão talvez servir de orientação a esse elevado designio.

O Colégio Militar, “casa onde a Pátria mandou recompensar, nos filhos, a viva gratidão que Ela devia aos pais”, fundado pelo grande patriota Conselheiro Tomaz Coelho, concretizando uma idéia que a muito vinha preocupando o espírito e a ternura paternal de Caxias, deve ser a fonte principal de candidatos ao oficialato. A sua missão precípua será fundir e moldar o Corpo e o espírito da infância militar. A êle deve caber a gênese do corpo de oficiais de terra, de ar e quicá de mar.

Assim, deve esse Educandário merecer especial atenção das autoridades superiores e o cuidadoso desenvolvimento daqueles que tivessem a responsabilidade direta de acolher, orientar e instruir a juventude militar. É preciso compreender o quanto há de complexo e delicado na educação desses pequenos brasileiros, na antemã da vida, crescendo, estudando, educando-se para servir ao Brasil.

Muito se terá ainda que fazer, para guiar, com acerto e segurança, o desenvolvimento e a educação de nossa juventude, na fase da sua existência que mais e melhor deve ser vivida.

Naquela casa de ensino, sementeira das novas gerações do Exército, entre os fisteres que lhe são próprios, deve ser cuidadosamente encarada a parte educacional dos Internados, pois é ali que se vai plasmar a personalidade do jovem candidato à Escola de Cadetes.



Marechal JOSÉ PESSOA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE

É preciso que, ao chegar o jovem a esta Escola, já possua formação básica no triplice aspecto, físico moral e social, pois, a Escola das Agulhas Negras, pelos pesados encargos da formação profissional, que já tem, poderá apenas complementar esta delicada tarefa. Nessa altura, está a juventude com sua personalidade mental e suas características físicas quase consolidadas. Perfeitas ou defeituosas, será um tanto tarde para pensarmos em reeducação.

É verdade que à Escola cabe a missão de aperfeiçoar, mas não poderá dar aquilo que somente ao lar incumbe fazer. Assim, é necessário acrescer a administração daquele Colégio de um órgão que se encarregue da questão educativa e social dos alunos, a qual não poderá continuar como sobrecarga à tarefa já exaustiva do Comando.

Deve-nos orientar o exemplo dos educadores anglo-americanos, vivamente preocupados, nesta hora, com o futuro das novas gerações. Destarte, deve ser exigir, em condição obrigatória, a passagem de 2/3 dos candidatos à Escola de formação pelos Colégios Militares, visto que, só por essa maneira, se poderão padronizar os seus elementos, tornando homogêneos os nossos quadros.

Não queremos dizer, com isto, que o Colégio Militar deva ser a única fonte de candidatos que se destinam a esta Escola, mas impõe-se o restabelecimento das condições iniciais, estipuladas na fundação do "Imperial Colégio Militar".

Os colégios militares deverão proporcionar a iniciação profissional aos candidatos à Escola de Cadetes, e, para isso, outros estabelecimentos congêneres poderiam, a juízo do governo, ser fundados e localizados nas regiões geográficas de maior densidade de população, facilitando, deste modo, a manutenção de uma percentagem de representantes das várias zonas do país no Corpo de Oficiais, de acôdo com a população de cada Estado. Para atingir tal objetivo, primeiramente devem ser ampliadas as instalações e o aparelhamento pedagógico e científico do Colégio da Capital Federal, transformando-se-o num tipo padrão, pelo qual seriam modelados os demais colégios acima referidos. Deverão ser também revividas as tradições daquele educandário, cujo culto é fator psicológico imprescindível às organizações militares.

Não pode ser esquecido que a missão educativa dos Colégios Militares deve estar sempre conjugada à da Escola de Cadetes, estruturando o elemento formador do quadro de oficiais combatentes do primeiro posto do Exército Nacional.

Um ligeiro confronto entre os Colégios Militares e as Escolas Preparatórias atribui àqueles melhor unidade no ensino ministrado e, aos próprios alunos, em razão da idade e do meio educativo inicial, maior receptividade e melhor aproveitamento das influências disciplinares, físicas e culturais de uma educação pré-militar.

De acôdo com esta idéia as Escolas Preparatórias iriam cessando as matrículas à proporção que fôsem encerrando os seus cursos; as

atuais instalações seriam aproveitadas, com as ampliações necessárias e melhoradas, para a fundação de novos colégios militares.

Assim, poderíamos obter, tanto mais rapidamente quanto possível, a homogeneização dos quadros e a evolução do Ensino Militar, pois que a observação minuciosa e demorada dos candidatos, em sua permanência nos Colégios Militares, permite uma seleção justa e perfeita dos que devem ingressar na Escola de Formação.

Quanto à Escola das Agulhas Negras, originária da Real Academia Militar de 1793, cuja sede está erguida neste majestoso Vale do Paraíba, na margem que se estende até os contrafortes da grandiosa serraria da Itatiaia, exige o seu nome, de início uma referência.

Por estar aqui situada, foi que sugerimos crismá-la com o nome de **Academia Militar das Agulhas Negras**, idéia que tivemos quando, ao visitar pela primeira vez esta região, procurando o terreno para plantá-la, ao fazer a difícil escalada do Itatiaia, deparamos com aquela simbólica criação da natureza, sulcos gravados pela ação das chuvas nas lombadas polidas do penhasco, verdadeiras agulhas gigantes, enegrecidas pela pátina dos tempos, dirigidas para o firmamento, como a apontar, eternamente, à nossa juventude militar, o inflexível caminho do dever, sempre orientado para o alto.

Tinha a sugestão origem no maior acidente geográfico da região, onde se confinam as lindes de três dos nossos grandes Estados e, apesar das controvérsias, é ainda o traço mais elevado das terras brasileiras.

A escolha, portanto, não surgiu sem fundamento, de maneira inexpressiva ou arbitrária, mas, nasceu, espontaneamente de uma feliz inspiração.

Aliás, já aquêlê simbolo figura no braço da armas desta Academia e, nos atributos dos seus uniformes históricos.

Se o nome de Rezende, conferido à Cidade, na época da homenagem é justificado, dado, porém, agora, a esta Academia é incompreensível, pois a geração moderna, glorificando Tiradentes e os demais mártires da Inconfidência Mineira, levanta o seu protesto cívico contra os algozes dêsses patriotas.

Realmente, as dificuldades e o estado psicológico duma época não foram bastante para conter o impulso de idealismo e a marcha vitoriosa do pensamento que pedia a concretização duma nova escola de formação para o nosso Exército. E o ideal, como a fé, remove montanhas.

As novas instalações das Agulhas Negras, dêsse modo, já vão proporcionando ao Exército um ensino universitário de alta qualidade, dando rumo definitivo e caldeando a mentalidade em formação do homem e do soldado, inculcando-lhe n'alma o culto ao passado, a vocação e proporcionando-lhe, enfim, o conforto necessário aos estudos e à vida escolar.

Aqui, estamos forjando uma juventude militar vigorosa e idealista, fora do ambiente turbulento e das tentações da nossa metrópole. Certamente formaremos oficiais de outro padrão — superiores e subordinados — os quais, amanhã, não terão preocupações outras que não

sejam as de cumprir com desvêlo profissional o compromisso honroso de bem servir ao Exército e à Nação.

O progresso das ciências, das artes e das indústrias mudou a feição dos exército, dificultou consideravelmente a missão do oficial. Dai surgiu, mais do que nunca, a necessidade de dotar o exército de oficiais selecionados, que possuam, em alto grau, a consciência dos seus deveres e de sua missão, a nítida responsabilidade de uma farda, que sejam, enfim, uma elite de homens devotados unicamente aos misteres da carreira das armas, capazes de instruir, disciplinar e educar civicamente a Nação.

Foi, assim, essa orientação de tão alto significado que orientou a reforma iniciada na Escola Militar do Realengo, em 1930.

Não há dúvida que urge insistir nesse conceito, cada vez mais oportuno, o de aperfeiçoamento de nossos quadros, lançado promissoramente naquela Escola por um grupo de oficiais, verdadeiros valores de nossa classe, cujo desenvolvimento tem sido perturbado por soluções de continuidade, tão prejudiciais à orientação definitiva do magno problema de formação do oficial brasileiro.

Não temos dúvida de que, se, numa continuidade de esforços, iniciarmos o preparo da formação da nossa infância nos Colégios Militares e prosseguirmos na mesma preocupação com os adolescentes na Escola de Cadetes, chegaremos àquele resultado, mesmo sem pertencermos à raça dos que se julgam presunçosamente superiores — formando uma plêiada homogênea de oficiais, perfeitos tipos selecionados, compatíveis com as possibilidades raciais do nosso povo.

A orientação contida no atual regulamento desta academia é boa.

Realcemos, porém, que o exemplo da Academia Real Militar, de Sandhurst, saída da experiência da guerra e transformada na única fonte de formação de candidatos ao exército regular britânico, considerando a continuidade de estudos nas demais Escolas de oficiais, reduziu o tempo de duração do seu curso, suprimiu, das matérias de ensino, tudo quanto era excesso de teoria bem como eliminou do horário escolar, certo número de formaturas diárias, julgadas demasiadas ao descanso físico e mental dos educandos.

Contudo, lá, como aqui, o objetivo da formação do oficial tem em vista, desde o início, a cooperação de tódas as armas, o estudo da moral na paz e na guerra e a criação de um espírito de equipe através dos jogos desportivos de tóda a espécie.

Consequiremos, assim, desenvolver o caráter do futuro oficial, suas qualidades de chefe, com a formação de uma disciplina consciente (individual e coletiva); ensinar a compreensão da arte de comandar e os meios por que uma perfeita moral possa ser alcançada e mantida; garantir os meios pelos quais o oficial possa assegurar a si próprio e aos que estiverem sob o seu comando condições que os tornem mental e fisicamente capazes; ministrar ao futuro oficial, conhecimentos gerais a fim

de que êle possa colaborar nos problemas comuns da coletividade. Enfim, o principal objetivo é cavar profundos alicerces sôbre os quais o futuro oficial possa orientar e orientar-se dentre os percalços de uma nova e incerta civilização.

É dever ter sempre em dia o problema da nossa organização militar através das investigações e conclusões dos nossos institutos. E, agora, a experiência da guerra, trazida, também com a FEB, não deve ser desprezada; os seus mortos não serão esquecidos e as suas glórias hão de se apresentar nos nossos corações com o mesmo fragor com que, na alvorada da vitória, o pavilhão sagrado do Brasil foi hasteado nas montanhas da Itália.

Se não fôssem as numerosas academias que os Estados Unidos mantém durante a paz, certo não teriam êles a glória de planejar e executar as prodigiosas operações militares ultramarinas que realizaram no Norte da Africa, o assalto à Sicília e a invasão da Europa, que poderão ser classificados com os mais ousados empreendimentos das recentes guerras.

A Escola Técnica, por seu turno, e no seu gênero, é a mais bem aparelhada das Escolas do exército.

Deve, ao nosso ver, manter a sua estrutura e orientação atuais. Entretanto, urge não esquecer a premente necessidade de criar um curso de pesquisas e aperfeiçoamento para oficiais — cientistas, selecionados entre os melhores cientistas jovens e engenheiros das escolas técnicas do país.

A alegação de que ela prepara técnicos, que, depois, deixam o Exército, só seria justa se êsses diplomados não continuassem, na vida civil, a trabalhar pela cultura técnica do país. O Exército não vive separado da nação. Mas, admitindo como justa a alegação, para garantir por certo tempo a permanência dêsses oficiais no Exército, bastaria que fôsse introduzido no regulamento daquela Escola um dispositivo tendente a corrigir êsse mal, se é que o podemos classificar. (Permanência nas fileiras por 5 anos).

É preciso, porém, que todos compreendam que o progresso do Brasil, em última análise, depende da formação de seus técnicos. De fato, com êles, iremos fabricar o armamento e equipamento necessário à nossa defesa; construir e facilitar os transportes, através da imensidade do nosso território; desvendar as riquezas do subsolo; industrializar as matérias-primas e, com os nossos metais, construir a maquinaria e as ferramentas necessárias ao nosso desenvolvimento industrial e ao nosso progresso.

Quanto à falta de oficiais subalternos nos corpos de tropa, elabora-se no mesmo êrro quando se alega que ela decorre da matrícula de alguns oficiais de armas não técnicas naquele estabelecimento de ensino. O mal, porém, tem outra origem.

O verdadeiro motivo da falta de oficiais subalternos é muito mais sério: foi o descuido, durante longos anos, do problema básico e fundamental da formação.

Desde 1930, como Cmte da E M do Realengo e depois em outras funções, não tenho deixado de, em reiterados relatórios, pedir a atenção das autoridades superiores para a falta de oficiais subalternos e a grave situação que ameaça, dia a dia, o enquadramento e a instrução da tropa.

Em fins do ano atrasado, em Relatório da Inspetoria da Arma de Cavalaria, assim ainda nos expressamos ao Sr. Ministro da Guerra, de então:

“Enfim, devo despertar particularmente a atenção de Vossa Exce-  
lência para o alarmante “deficit” de oficiais subalternos da ativa no  
quadro da cavalaria e nas demais armas do Exército, pois os nossos  
quartéis estão entregues à inexperiência dos oficiais da reserva em  
grande número.

Devem estar V. Exa. e o Exército lembrados de que, como co-  
mandante da Escola Militar (1930-1934), encarecemos, por várias vezes,  
às autoridades superiores da Guerra, a reflexão sobre esse magno pro-  
blema da nossa organização — a formação do corpo de oficiais. E, para  
sanar o perigo que se aproximava, estudamos e projetamos, naquela  
ocasião, nas maiores minúcias, a construção de uma nova escola de for-  
mação, em Resende, com capacidade para dois mil cadetes (2.000)”.

Ao nosso ver, o grande empreendimento da nossa escola central  
de formação ainda está incompleto, exigindo mais energia e recursos,  
pela necessidade urgente de ampliação e aperfeiçoamento da obra rea-  
lizada, como também, de aparelhamento técnico e aperfeiçoamento nos  
seus métodos pedagógico e educacional. Assim organizada, não há dú-  
vida, será um instituto modelo, um laboratório perfeito às pesquisas do  
ensino militar e de apuro à mentalidade do Exército.

A colaboração dos Estados do Rio e São Paulo, foi posta à margem  
pelos reiniciadores da construção desta academia; hoje, porém, para a  
sua conclusão dever-se-ia solicitá-la aos Estados.

Não se compreende, a exemplo do que se faz nos outros países, que  
essa obra gigantesca, de interesse geral e vital para a Nação, e onde  
todos instruem os seus filhos, seja realizada somente pelo Exército.

Quanto à Escola das Armas e ao Centro de Aperfeiçoamento e Es-  
pecialização do Realengo, institutos por onde devem passar os oficiais  
superiores, capitães e subalternos de tôdas as armas, são por excelência,  
a escola de preparo profissional do oficial combatente.

O erro irreparável cometido com o fechamento, durante a guerra,  
da Escola das Armas e outros centros de instruções impõe-nos hoje ci-  
clópica tarefa, para a necessária multiplicação dos institutos de ensino  
militar e aumento das matriculas.

No que respeita aos seus atuais regulamentos, nada podemos aduzir  
sem que a experiência tenha dado seus frutos. Entretanto, parece-nos  
é certo o período letivo de 5 meses. Talvez a forma prática de atenuar  
os inconvenientes dessa compressão do período letivo fôsse a realização

de uma prova de admissão nas sedes dos Estados-Maiores Regionais. A essa prova concorreriam, em número superior aos das vagas previstas, capitães (ou tenente antigos) notificado com antecedência de 6 meses, aos quais seria remetido com a mesma antecipação o programa pormenorizado dos assuntos relativos ao concurso. Seriam matriculados os melhores classificados. Com isso, poderiam os trabalhos do Centro ser escoimados de muitos assuntos elementares e livre do pesado fardo de oficiais sem base. Outra vantagem desse critério seria o de acelerar o aperfeiçoamento dos oficiais de maior valor profissional.

A revigoração de exigência do Curso para a promoção a Major completaria a seleção dos valores.

Futuramente, deveria ser encarada a organização de mais um Centro de aperfeiçoamento em Pôrto Alegre. Caso os dois Centros não resolvam a crise de oficiais aperfeiçoados, e logo que o permitam as possibilidades dos quadros, um terceiro seria criado no Norte do País.

— A antiga Escola Superior de Guerra surgiu entre nós pelo regulamento de 1889, que substituiu, em moldes adiantados, o obsoleto regulamento de ensino de 74, impulsionando, assim, decisivamente, o nosso ensino militar.

Amantes das tradições, pensamos que aquêlê nome aureolado, que se levantou há anos na Praia Vermelha, ali deveria ressurgir, no frontespício da nossa Escola de Comando.

Ela, em síntese, deverá encarregar-se da cultura superior do exército, isto é, dos cursos de Estado-Maior e de Alto Comando; aquêlê destinado a formar oficiais para os Estados-Maiores; êste para habilitar ao generalato os coronéis melhor classificados.

Os novos generais assim formados usariam, como prêmio, a cópia da espada do Marechal Duque de Caxias, forjada pelo Estado, entregue em cerimônia de formatura militar.

No tocante à formação dos oficiais dos serviços (de saúde, veterinária, intendência) é necessária idêntica vigilância. Dever-se-ão observar os ditames de rigorosa seleção física, moral e intelectual para o ingresso aos cursos de formação ou de aplicação, sendo exigido dos alunos, durante o curso, elevado grau de aproveitamento e classificação por ordem de merecimento intelectual.

Os cursos de aperfeiçoamento deverão funcionar normalmente e serão condição mínima para o acesso ao posto de oficial superior.

No serviço de saúde, torna-se indispensável, nos dias de hoje, quando a experiência das guerras provou de sobejo a enorme tarefa da medicina nos campos de batalha, a formação de duas classes de médicos, perfeitamente distintas: a dos clínicos e a dos cirurgiões. Após um estágio nos corpos de tropa, de duração determinada, o médico militar escolheria a sua especialidade e a ela se dedicaria daí por diante.

Dentro dessas duas grandes divisões, outros cursos, sempre tendentes ao aperfeiçoamento, deverão ser instituídos com frequência.

Urge também que seja recomposto o quadro de dentista, dotando-o de profissionais capazes.

No serviço de Veterinária, especializações também são imprescindíveis: a de genética, a de inspeção de carnes e conservas, a de técnico de laboratório.

A guerra impõe uma série de restrições à vida civil da nação, inclusive nos seus transportes, que são requisitados para o exército. O equino é o substituto obrigatório de caminhões, automóveis, motocicletas, etc. Além disso, as irrefutáveis provas do largo emprego dos animais, na guerra que findou, nos autorizam a confirmar que a equinocultura é problema de magno interesse econômico e representa ponderável fator para a defesa nacional. Portanto, cumpre formar e selecionar técnicos que aperfeiçoem e acautelem os rebanhos, preparando-os para o estudo, na profilaxia e no combate às endemias tão lascivas à economia nacional quanto, muitas vezes, perigosas ao próprio homem.

Os cursos de formação e de aperfeiçoamento para oficiais intendentess, funcionando regularmente e melhor orientados num sentido mais objetivo das necessidades da guerra moderna, parece-nos, devem sofrer reforma adequada, para que se lhes dê perfeita orientação a respeito de tempo, velocidade, peso e volume, condições em torno das quais gira hodiernamente a excelência dos reabastecimentos dos exércitos.

Entretanto, não é possível realizar as idéias que acabamos de esboçar, sem o entusiasmo de um corpo docente que, como um facho, seja a luz irradiante da cúpula de novo sistema escolar. Ele também deve merecer das autoridades cuidados especiais na sua escolha e ter a recomendá-lo, além da erudição e competência na matéria que leciona, conhecimentos de sociologia, psicologia e pedagogia, pendor para o magistério, acrisoladas virtudes, reputação moral e social.

Ademais, é dever do professor acompanhar o movimento renovador e profundo que se opera dia a dia no campo do ensino.

A vida evolui e, com ela, o espírito e os métodos educacionais. Seria acertado enviá-los, pois, ao estrangeiro, nos centros de suas especialidades, depois de havê-los classificados por ordem de mérito.

Aliás, esse prêmio, que seria um estímulo aos estudos, deveria ser geral e progressivamente extensivo a todos os professores e aos cinco primeiros alunos de cada turma, nas Escolas de Oficiais, todos portadores de um programa a cumprir.

A missão do educador, sem dúvida, encerra uma das mais belas profissões terrenas, pois educar é sublimar as virtudes, é tarefa das mais delicadas e difíceis.

Cabe, pois, à atual geração de educadores fazer reviver e manter nos nossos institutos o prestígio e o esplendor do ensino militar dos tempos da Academia Real Militar de 1811 e da Escola Militar da Praia Vermelha.

## II — VILA ABRIGO DO BOM MILITAR

### E NÃO CARIDOSO ASILO DE INVÁLIDOS DA PÁTRIA

Ministro T. A. ARAÚJO

Honroso convite do dinâmico e interessado diretor, o Coronel Arquimedes de Araújo Dória, levou-me, pela primeira vez, ao Asilo de Inválidos da Pátria, na ex-ilha de Bom Jesus.

Assisti à inauguração de singelo monumento, em granito, como lembrança dos feitos beneméritos dos heróis e mártires das lutas internas de Canudos e do Contestado do Paraná e Santa Catarina. Senti-me no dever de prestigiar tão oportuna e significativa homenagem aos militares que se dedicaram e se sacrificaram em defesa das Instituições, da Lei e da Ordem. Eu, que modestamente me voto à reivindicação de nossas glórias militares e principalmente ao enaltecimento da obra construtiva do Exército do passado, a que o Exército do presente tanto deve; eu, que levanto a bandeira da revisão dos fatos históricos militares, consubstanciados nas lutas intestinas, epopéias que constituíram verdadeiro padrão de glória para os seus participantes, padrões cantados conscientemente com suor, sangue e vida de heróis, dignificantes das respectivas gerações.

Dai as reflexões que julguei úteis, ao ter a honra de encerrar as brilhantes exposições ali feitas pelo diretor do Asilo, pelo eficiente e valoroso historiador General João Baptista de Mattos e pelo culto pastor E. Deslandes.

A designação de *Asilo de Inválidos*, com cabimento na época de sua criação, após a Guerra do Paraguai, para acolher caridosamente os estropiados de uma luta malquista, não mais poderia prevalecer quando a razão reconhece que não se trata mais de obra caridosa a desamparados, embora merecedores da Pátria. O recato e o orgulho repelem a esmola ostensiva, e a designação de *Inválido da Pátria*, que foi um padrão de respeito e glória, passou a ser opróbrio do desamparado e do necessitado.

*Casa ou Abrigo do Bom Militar*, parece-me designação apropriada Casa ou Abrigo, significativo monumento vivo, que perpetue e lembre os serviços inestimáveis, na paz e na guerra, do bom servidor e dos heróis que souberam tudo dar de si para o bem da comunidade e da Pátria.

Monumento — vila ou cidade — sob a forma de organização de residência e de assistência.

A área da tradicional Ilha de Bom Jesus muito se presta a êsse invulgar empreendimento. Ela gozará das vantagens de vida resultantes da contiguidade da *Cidade Universitária*, êsse grande monumento e fator do desenvolvimento nacional e que o govêrno deveria já ter concluído no seu plano completo.

Está na mente de qualquer ser comum, que o desenvolvimento nacional depende mais da fôrça construtiva da cultura e da pujança moral do povo do que das obras materiais suntuárias, cuja concepção e utilidade dependem daqueles fatôres.

Sem ciência e sem valor moral, nenhum povo progredirá e fará prevalecer o seu direito a subsistência.

As gerações que surgissem ao lado da *Vila do Bom Militar* aprenderiam cedo a lição dos que se dedicaram ao serviço da Pátria e desta muito mereceram.

É tempo de evoluir-se para, em lugar dos velhos mocambos da Ilha de Bom Jesus, fazer nascer um conjunto residencial moderno, como há os conjuntos ou parques residenciais, com instalações de residências, hotéis, divertimentos apropriados, bancos, elementos de tratamentos, etc.

Retire-se dali o Presídio Militar, cuja coexistência com os asilados é perniciosa. Que a idéia, já levantada pelo Clube Militar, da Casa do Bom Militar tome corpo e se transforme em realidade gloriosa.

Apele-se para a novel Associação do Hipódromo Guanabara, que se constrói nas vizinhanças e que poderá dar uma cota de fins filantrópicos, patrióticos e humanitários. Quem dá aos bons empresta a Deus. E os velhos servidores militares, muitos sem o calor de uma assistência amiga, terão o seu fim de vida, mitigado por assistência oportuna e inteligente.

Estamos em época de renovação. Renovemos os cuidados de assistência ao elemento humano que dêles precise urgentemente.

Eis uma idéia que um velho Militar, com mais de 48 anos de serviços, lança aos jovens e ardorosos companheiros, que devem pensar no futuro. Um monumento ao Bom Militar!